
Até você
acordar
CLEIA LIRA

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Cleia Lira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos
descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança
com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne
Capa: Layce Design
Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte
dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o
consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.



A noite de formatura
Uma noite perfeita
Uma noite sem fim
A garota dos meus sonhos
Sempre foi você
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Outras obras
Contato

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Para todos aqueles que acreditam que existe uma alma gêmea esperando ser encontrada.

Eu crio e vivo meu próprio conto de fadas,
acredito no amor que existe dentro de mim,
nos sonhos que ainda preciso realizar,
em tudo que ainda tenho que mudar,
e o resto, fantasio.

- Cleia Lira



Antes do pôr do sol,
no seu 16.º aniversário,
a princesa picará o dedo no fuso
de uma roca e morrerá!
- Bela Adormecida

Apesar de nascer num berço de ouro, eu batalhei para realizar meus sonhos. Jamais esperei sentada que eles se realizassem como num passe de mágica. Sempre me esforcei para ser a melhor aluna da minha turma e, mais tarde, da escola, por isso passei no vestibular concorrido para estudar arquitetura numa das melhores universidades do

país. Estudava por horas a fio depois que saía da escola e não fiquei surpresa ao encontrar meu nome na lista de aprovados. Era determinada e cabeça-dura; quando tinha um objetivo, nada, absolutamente nada me impedia de alcançá-lo.

Meu último ano letivo na escola finalmente terminou. Despedi-me dos amigos após as aulas e voltei para casa com a cabeça perdida nos preparativos para a formatura. Eu não havia participado de muitas festas durante o ensino médio, pois meu foco era estudar para passar no vestibular. Porém, depois que consegui o que queria, dei-me ao luxo de fazer algumas extravagâncias – pelo menos eram para mim. Participaria da festa de formatura e, no dia seguinte, viajaria com minhas amigas para uma ilha paradisíaca no nordeste do país.

Embora não fosse tradição em meu país, decidimos fazer a colação de grau pela manhã com a presença da família e um baile à noite somente com os alunos. Havíamos esperado o ano inteiro para enfim nos sentirmos livres e desimpedidos para comemorar, mesmo não sendo considerados

adultos, uma vez que a maioria de nós tinha 17 anos.

No dia tão aguardado, após a colação, passei a tarde toda no salão de beleza fazendo um coque elegante e uma maquiagem que realçava meus olhos castanhos. Mais tarde, ao sair do banheiro enrolada na toalha, meu vestido já estava me esperando em cima da cama. Demorara meses para encontrar algo que eu gostasse, estava quase desistindo, quando o vi num canto da loja. Era nude, com pétalas de rosas espalhadas na saia longa e no busto e um detalhe trançado nas costas. Tudo que eu queria e mais um pouco. Só precisei colocá-lo no corpo para saber que era o escolhido.

Coloquei o vestido, os sapatos da mesma cor e fiquei alguns segundos olhando para aquela linda mulher em frente ao espelho, toda produzida para a minha festa. Eu não era apenas uma garotinha saindo do ensino médio, era uma mulher forte e decidida que tinha uma longa jornada pela frente.

Desci ao térreo da minha casa com um sorriso nos lábios. Meus pais estavam me esperando

animados na sala de visitas. Além deles, o garoto que me acompanharia naquela noite também estava lá.

— Desculpe a demora — falei olhando para meu par com atenção. Seus olhos azuis e cabelos loiros eram a perdição de todas as meninas da escola. No entanto, eu fui a sua escolhida e não conseguia me conter de felicidade.

— Valeu a pena esperar — ele respondeu abrindo um sorriso lindo que iluminava seu rosto.

— Vamos tirar uma foto do casal? — pediu minha mãe.

— Não acho necessário — contestei, tentando evitar aquele momento constrangedor, mas foi inútil, ela já estava com o celular na mão tirando uma sequência de fotos de todos os ângulos possíveis e imagináveis.

— Pare de reclamar e faça sua mãe feliz — ela ralhou deslizando o dedo na tela do celular para verificar as fotografias recém-tiradas.

Apesar do contratempo, saímos de casa no

horário certo. Dei dois beijos no rosto do meu pai e segurei a mão da minha mãe antes de sair de casa. Meu acompanhante não contratou limusine, como nos filmes americanos; ele tinha um carro esportivo e o usou para irmos à festa.

Um caminho que seria tranquilo acabou se tornando uma competição quando paramos no sinal vermelho bem ao lado de outro carro esportivo. O motorista acelerou, desafiando-o, e ele não pensou em nada a não ser em seu orgulho idiota e acelerou o automóvel, aceitando a provocação.

Quando o sinal abriu, eles dirigiram a toda velocidade pelas ruas calmas do centro da cidade. Estávamos quase chegando ao local do baile quando um dos sinais ficou vermelho, e, em vez de parar como qualquer pessoa sensata faria, ele acelerou. Um carro que atravessava o cruzamento naquele instante bateu em cheio bem no lado do passageiro. Percebi o carro se aproximando em câmera lenta, mas não consegui me proteger do impacto. O vidro da janela quebrou, e os cacos fizeram pequenas escoriações na minha pele. Senti meu corpo ser jogado com violência no painel do

carro e o cinto de segurança me puxar de volta. Escutei um barulho ensurdecedor, e muito sangue começou a gotejar da minha cabeça. Uma dor forte me obrigava a fechar os olhos, e minha consciência começou a ir embora.

Escutei o barulho das sirenes, alguns sussurros ao fundo. Ainda sentia muita dor e não conseguia abrir meus olhos. Fui tirada do carro e levada para outro lugar. Sentia medo e frio, queria chamar minha mãe, mas minha voz não saía, embora eu insistisse. Sabia que o acidente tinha sido grave; o fato de eu não conseguir abrir os olhos para ver o que acontecera era uma indicação disso, e, conforme o tempo passava, sentia-me cada vez mais impotente.

Fiquei algumas horas em estado de semiconsciência. Ouvia vozes, meu corpo estava ainda mais dolorido, sentia picadas nos meus braços. Logo comecei a respirar com dificuldade. Puxava o ar com força, cansada como se tivesse corrido uma maratona. Meu coração acelerou, e achei que morreria sozinha, sem conseguir me despedir dos meus pais e nem ver onde eu estava.

Porém, apenas apaguei. Adormeci num sono profundo, daqueles em que o corpo repousa exausto depois de um dia cansativo. Não ouvi mais nada, nem senti dor; na verdade, não conseguia sentir nada.

Acordei já entrando no salão onde seria realizado meu baile de formatura. Arthur deu a volta e abriu a porta do carro, ajudando-me a descer. Ajeitei meu vestido longo, passei a mão nas pétalas de rosas e sorri para ele. Segurei sua mão, e caminhamos juntos até a entrada. Encontrei minhas amigas, todas felizes e sorridentes. Algumas garotas da escola me olhavam torto, pois queriam estar no meu lugar. Paramos para tirar as famosas fotos nos murais da formatura, e eu só conseguia sorrir encantada ante a decoração da festa. Tínhamos voltado um pouco no passado e escolhido um estilo vintage que ficou deslumbrante. Os painéis de flores, os lustres no teto, as poltronas antigas, tudo fora bem organizado para nos dar o cenário ideal para comemorar o início de uma nova fase das nossas vidas.

— Vamos dançar? — pediu Arthur assim que

ouviu a música *Perfect* começar a tocar.

Muitos casais correram para a pista de dança.

— Quero — respondi colocando minha mão sobre a dele, e seguimos os outros pares.

— Você não devia ser tão bonita — ele disse sem tirar os olhos dos meus.

— Não sou tão bonita, na verdade me considero bem normal — comentei, tentando disfarçar o nervosismo que estava sentindo ao dançar com ele pela primeira vez.

— Não seja tímida, isso não combina com a oradora oficial da turma — falou, lembrando-se do discurso que eu havia feito naquela manhã em nome de todos os formandos da nossa escola e em frente à nossa família e todo o corpo docente.

— Nem me lembre desse momento, minhas pernas estão tremendo até agora. — Aconcheguei-me ao seu peito.

— Não devia, você se saiu bem. Tenho muito orgulho de você.

— Você está me deixando envergonhada, não

gosto de receber elogios. Se continuar assim, vou me esconder em algum lugar da festa, e só vai me ver na hora de ir embora.

— Tudo bem, vou parar com os elogios, afinal de contas, não quero ser abandonado na minha festa de formatura. Não ficaria bem para um bom partido como eu — brincou, fazendo-me rir.

— Vejo que não é nem um pouco convencido — entrei na brincadeira.

A música terminou, e dançamos mais outra e depois outra. Estava tão bom que eu não queria sair dali por nada. Porém, ficamos com sede e decidimos sair da pista em busca de bebidas.

— Espere aqui, vou buscar algo para você beber — informou, deixando-me sentada a uma mesa vazia.

— Não demore, estou com muita sede — implorei, exagerando um pouco.

— Seu desejo é uma ordem — brincou novamente, acenando para mim e logo depois se afastou.

— Você está tão linda — comentou minha amiga Rebeca, aparecendo de repente ao meu lado na mesa.

— Obrigada, você também não está de se jogar fora — elogiei observando seu vestido sereia, longo e colado, que realçava suas curvas. Seus cabelos pretos caíam em cascata nas suas costas nuas, e seus olhos verdes estavam destacados pela maquiagem bem-feita.

— Não enrole. Quero saber como está seu encontro com o Arthur.

— Não estou enrolando, só tentando elogiar minha amiga, será que não posso? — indaguei, puxando-a para sentar na cadeira ao meu lado.

— Desembucha! — mandou tampando a boca com a mão para abafar as risadas.

— Ele é maravilhoso, lindo, perfeito, educado, não para de me elogiar, e não consigo desviar meus olhos da boca dele.

— Eu sabia que isso iria acontecer, você nunca saiu com um cara do nível do Arthur, aqueles nerds

e ratos de biblioteca que costumavam te levar para encontros aleatórios aos sábados não chegam nem aos pés desse deus viking.

— Não viaja, Rebeca, é só um baile de formatura, não é como se a gente fosse sair daqui namorando — tentei cortar a imaginação fértil da minha amiga.

— Não hoje, nem amanhã, mas com certeza num futuro bem próximo. Vocês nasceram para viver juntos — comentou empolgada.

— Desculpe interromper a conversa de vocês. Será que posso me sentar aqui? — pediu Arthur, aparecendo com as bebidas nas mãos.

— Claro, não fique acanhado, já estou de saída — anunciou Rebeca, sorrindo para ele.

— Se quiser, pode ficar com a minha bebida, Rebeca. Posso ir buscar outra pra mim — disse solícito, descansando o que parecia uma batida de morangos na mesa.

— Não se preocupe comigo, já tenho a minha própria bebida, por isso fique aqui quietinho e

cuide bem da minha amiga — pediu, levantando-se da cadeira. Piscou para mim e saiu de fininho.

— A Rebeca é uma figura — comentou Arthur, bebendo um gole da sua batida.

— Com certeza é. Nós nos conhecemos desde o fundamental e não desgrudamos desde então. Ela é minha melhor amiga. Você tem um amigo assim?

— Não tão antigo, mas costumo ficar muito tempo com o João.

— Não consegui entender até agora essa amizade de vocês. Como duas pessoas tão diferentes podem ser melhores amigos? — indaguei, lembrando o quanto o João era excluído da turma, meio gótico e acima do peso. Não tinha nada a ver com o garoto atlético, alto, loiro e com cabelos na altura dos ombros que estava sentado à minha frente.

— Você nunca ouviu aquele ditado que diz que os opostos se atraem? Brincadeiras à parte, o João entrou na escola no primeiro ano do ensino médio, era diferente e esquisito, logo começou a sofrer bullying por parte dos valentões da nossa turma. E sabia que eu não era muito diferente dele no quesito

peso? Por isso comecei a sair com ele; queria que a perseguição parasse, e foi o que aconteceu, porém, nesse período juntos, descobri que ele era um cara legal, e ficamos amigos.

— Sempre um cavalheiro — murmurei, bebendo um gole da minha bebida e fiquei surpresa ao sentir o gosto de álcool onde devia ter apenas leite condensado e morangos.

— Ela foi batizada — respondeu ao perceber minha cara de surpresa e virou seu copo, bebendo o resto do líquido.



É aqui que eu devo estar.
Mas não me lembro de como cheguei aqui.
- Malévola

Depois do segundo copo de batida, voltei para a pista de dança mais animada do que nunca, e as músicas estavam mais agitadas também. Balancei de um lado para o outro enquanto Arthur segurava na minha cintura. Eu jamais havia dançado assim e nunca teria dançado se não fosse o álcool correndo nas minhas veias. Porém, naquela

noite eu queria romper algumas barreiras da minha vidinha perfeita, por isso fechei os olhos e curti quando *Havana*, minha música preferida, começou a tocar. Senti as batidas sensuais no meu corpo e me libertei de vez. Abracei Arthur, e dançamos juntos como se fizéssemos isso a vida toda. Colei minhas costas no seu peito e deixei que a pulsação da música guiasse o ritmo.

— Venha, eu quero te levar para um lugar especial — ele pediu, puxando minha mão, assim que a música acabou. Caminhamos de mãos dadas até uma das portas.

— Espere, não consigo correr com esses saltos — reclamei, parando quando chegamos ao jardim.

Arthur se virou e arqueou as sobrancelhas, um pouco confuso, tentando entender por que eu tinha parado de repente. E, sem que eu esperasse, colocou-me no seu ombro e caminhou tranquilamente pelo resto do caminho.

Fiquei sem respirar enquanto era arremessada no seu ombro. No primeiro momento, esforcei-me para descer, mas depois acabei aceitando sua

iniciativa inusitada de me ajudar. Além disso, eu estava mais perto dele, e seu perfume amadeirado e refrescante era tudo o que eu conseguia sentir.

— Pronto, está entregue — anunciou, colocando-me sentada num banco atrás de uma pequena árvore no jardim.

— Como sabia deste lugar? — perguntei observando o cenário romântico que se desenhava à minha frente: o banco branco de madeira, as rosas vermelhas plantadas ao lado de outras tantas de cores diferentes, a grama bem aparada, a lua cheia iluminando o rosto de Arthur e o aroma do seu perfume, que estava impregnado na minha pele desde que ele me carregara no ombro.

— Já estive aqui antes — respondeu se sentando no banco ao meu lado e observando a lua.

— Este é o lugar ao qual costuma trazer as garotas? — indaguei chateada.

— Não, não pense assim, você é a primeira garota que trago aqui. Só estive neste lugar algumas vezes, com meus pais, e as festas eram tão tediosas que eu fugia pra cá e ficava observando as estrelas

ou, numa noite como esta, a lua cheia. Ela fica tão perto que temos a sensação de que podemos tocá-la — explicou, esticando uma das mãos como se pudesse tocar a lua.

— É lindo mesmo — comentei, estendendo minha mão para acompanhá-lo.

— Nem acredito que estamos juntos — ele disse, entrelaçando nossas mãos.

— Eu devia falar isso pra você, e não o contrário — repliquei, admitindo pela primeira vez que o admirava de longe.

— Com certeza, não devia. Sei que é precipitado da minha parte dizer isso, mas tenho uma queda por você desde que entrei na escola.

— No primeiro ano em que estudamos juntos, você nem olhava pra mim — retruquei, tentando me lembrar dele.

— Não olhava quando você estava observando, mas memorizei suas costas. Acho que conheço cada detalhe do seu perfil.

— Não acredito...

— Pois acredite, estou te secando desde o primeiro ano — respondeu, tentando se esconder de vergonha.

— Pare, por favor, não fique assim. Não sei o que fazer com essa informação — disse puxando suas mãos, que cobriam o rosto.

— Não faça nada. Só contei porque não aguento mais guardar esse segredo — informou desviando seus olhos dos meus.

— Ei, não se esconda mais de mim — pedi colocando uma das mãos na sua face. Senti sua barba ralinha pinicar minha pele, e algo em mim acordou.

Ficamos nos olhando por alguns segundos que mais pareceram horas. Senti seu hálito quente cada vez mais perto. Seu perfume ocupou meu espaço, e seus lábios alcançaram os meus. Não consegui me mover no primeiro momento devido aos sentimentos arrebatadores que sentia só pelo contato entre nossos lábios. Contudo, tive de corresponder, pois minha boca coçava para explorar a sua também. Por isso me entreguei

àquele beijo como jamais fizera com nenhum outro. Deixei que ele envolvesse minha língua com a dele, e o gosto dos morangos me atingiu no mesmo instante. Puxei seus cabelos do rabo de cavalo, soltando os fios loiros, que iam até os ombros; inspirei seu perfume mais uma vez, tentando memorizar aquele cheiro; mordisquei seu lábio inferior; e me sentei em seu colo quando ele me puxou sem qualquer cerimônia.

— Você beija bem — murmurou sorrindo quando afastei minha boca em busca de ar.

— Acho que tive um bom professor — comentei, voltando a beijá-lo.

— Quem foi seu professor? — questionou preocupado, interrompendo o beijo.

— Você — afirmei, rindo da sua aparente aflição.

— Esse não é o seu primeiro beijo, já a vi antes com aqueles ratos de biblioteca — revelou, segurando meu rosto com ambas as mãos a fim de observar minha reação.

— Já beijei antes, mas nenhum dos beijos foi assim, por isso eu disse que você era um bom professor.

— Você acha mesmo? — perguntou curioso.

— Claro! Já beijou alguém assim antes? — rebati.

— Não, nada com essa química. Porém, eu já desconfiava que fosse assim, afinal, esperei muito para dar nosso primeiro beijo.

— Não exagere. Se eu soubesse que você tinha uma paixonite de adolescência por mim, já teríamos nos encontrado antes.

— Você nunca percebeu meus olhares estranhos na sua direção?

— Não, nunca desconfiei de nada até você me pedir para vir ao baile de formatura com você.

— Demorei algumas semanas pensando em como fazer aquele convite.

— Um bilhete deixado no meio do meu livro de química não é bem um convite...

— Foi tudo no que consegui pensar — respondeu dando de ombros.

— Achou que eu não aceitaria sair com o cara mais gato da escola?

— Eu não era o mais gato alguns meses atrás, somente quando minhas espinhas sumiram, meus cabelos ficaram mais longos e decidi descontar toda a fúria que sentia dos meus pais na academia. Só a partir daí as garotas começaram a me olhar diferente.

— Tem razão, não lembro como era antes de ficar popular.

— Acima do peso, não tinha amigos e ficava sozinho no intervalo, bem ao estilo do João — confessou dando de ombros, como se não tivesse importância, mas senti que ele ficara chateado ao mencionar o quanto era excluído na escola.

— Não me lembro de você assim — murmurei incomodada. Por mais que tentasse, não conseguia visualizar como ele era antes de ser a sensação das meninas da minha classe.

— Não se preocupe com isso; uma hora vai se lembrar de mim e sair correndo.

— Isso nunca vai acontecer, e sabe por quê? — questionei erguendo seu queixo para admirar seu rosto lindo. Não devia ter tantas espinhas como ele mencionara, na certa estava exagerando, uma vez que eu não conseguia perceber nenhum sinal delas; talvez a barba ralinha escondesse as marcas.

— Por quê? — indagou, inspecionando minha face com os olhos verdes brilhando. *Verdes? Não eram azuis? Eu me confundi?*, pensei.

— Porque estou aqui e não queria estar em nenhum outro lugar que não fosse com você — respondi, abrindo os braços para envolvê-lo.

— Esta noite, você só me surpreende, garota linda — disse, retribuindo meu abraço. Logo depois deitei minha cabeça no seu peito e fiquei admirando as estrelas.

— Eu poderia ficar aqui a noite toda! — exclamei empolgada com o céu estrelado.

— Eu também — murmurou fitando meus olhos

com malícia.

— Por que tenho a impressão de que você não está falando das estrelas? — inquiri desviando meu olhar para observá-lo.

— Porque não estou.

— O que pode ser mais lindo do que esse céu?

— Você — rebateu sem ao menos pensar a respeito, e fiquei vermelha de vergonha.

— Por favor, não faça mais isso — pedi, cobrindo meu rosto com as mãos.

— Não fazer o quê? — indagou se fazendo de desentendido.

— Você sabe que não gosto de elogios, ainda mais dos seus.

— Tudo bem, vou esperar que se acostume com eles.

— Nunca vou me acostumar com eles! — Bufei, tentando não me importar tanto com seus elogios, mas jamais conseguiria passar por cima dos meus receios e aceitá-los com naturalidade.

— Está ansiosa para começar a faculdade? — questionou mudando de assunto depois de alguns minutos em total silêncio.

— Sim, não vejo a hora de começar meu aguardado curso de arquitetura.

— Apesar de querer muito cursar medicina, não estou ansioso para ir à faculdade.

— E por que não?

— Porque, ao contrário de você, vou estudar muito longe daqui e de você — explicou chateado.

— Podemos nos ver nos finais de semana — disse, mas no fundo eu sabia que nosso relacionamento acabaria naquela noite.

— Não sei se conseguiria, tenho muito trabalho pela frente. Além disso, não quero prender você por tantos anos, esperando algo que pode demorar um bom tempo.

— Você está dizendo que teremos somente esta noite?

— Não dificulte minha vida, não sei o que responder.

— Então não diga nada, vamos viver o momento, um dia de cada vez — pedi tentando acalmar meu coração, que batia frenético.

— Tudo bem, pense que esse é o primeiro dia do resto de nossas vidas — falou animado, surpreendendo-me.

— Vou pensar assim e tenho certeza de que vamos nos encontrar novamente.

Levantei-me, tirei meus sapatos, ergui a saia do vestido e comecei a rodopiar na grama macia ao som da música *Areia*, da Sandy, que tocava na festa, mas dava para ouvir dali.

— Posso dançar com você? — Arthur pediu parando à minha frente.

— Claro — respondi segurando a sua mão, e giramos juntos. Rodopiamos tanto que fiquei tonta e caí na grama.

— Você é a pessoa mais animada que já conheci. Não imaginava que seria tão divertida assim. — Ele se deitou ao meu lado.

— E não sou. Este é o meu melhor dia, nunca me

senti tão feliz — comentei ainda deitada na grama e olhando para o céu estrelado. Segurei sua mão, e ficamos ali curtindo o restinho da música, que dizia muito do que eu estava sentindo. Quem não quer parar o tempo? Se eu pudesse, pararia aquele instante.

— Estamos compartilhando nosso melhor momento — anunciou se virando para ficar de frente para mim. Nossos olhos se conectaram como se esperassem aquilo por um longo tempo.

Arthur se aproximou devagar sem desviar seus olhos dos meus.

— Não os feche, por favor; eu quero olhar pra eles — pediu erguendo meu queixo com uma das mãos.

— Eu não vou — falei decidida. Meu coração batia acelerado em expectativa. Sabia que ele me beijaria; eu queria seus lábios novamente nos meus desde que ele me beijara pela primeira vez. Porém, dessa vez ele veio tão devagar que pensei que eu não resistiria ao seu apelo.

Quando nossas bocas finalmente se encontraram,

meu coração se acalmou, minhas mãos foram parar na sua nuca e se enroscaram nos seus cabelos. Ele me abraçou tão forte que me senti segura em seus braços. E o beijo, que já era bom, tornou-se algo inesquecível.

Não importava o que acontecesse comigo depois daquela noite, eu sempre me lembraria dos seus lábios, do seu gosto e, o mais importante, do que senti enquanto era beijada por Arthur.



Amor verdadeiro não
cai do céu, não é?
- Malévola

Ficamos por tanto tempo do lado de fora da festa que, quando voltamos de mãos dadas, rindo e felizes por compartilhar nossos melhores momentos juntos, algumas pessoas já tinham ido embora. O salão estava mais vazio, e as pessoas que restaram estavam bem mais animadas, graças ao álcool que tinham colocado de última hora na batida de frutas.

— Preciso de você — pediu Rebeca aparecendo de repente à minha frente e me arrastando consigo em direção ao banheiro.

— Já volto! — gritei para o Arthur antes de desaparecer no meio das pessoas.

— Não vou te levar para Nárnia, é só uma conversa entre amigas — ela explicou ao perceber que eu não conseguia parar de olhar para trás, procurando Arthur.

— O que é tão importante que não pode esperar até amanhã? — indaguei chateada, com as mãos na cintura, assim que entramos no banheiro.

— Vamos lá, Aurora! Sou sua amiga desde que me entendo por gente. Não me troque pelo primeiro cara bonito que aparece na sua vida — resmungou irritada.

— Não estou trocando você por ninguém, jamais faria isso! — exclamei tentando acalmar minha amiga. Não queria brigar com ela, ainda mais naquela noite.

— Tudo bem, não chamei você aqui para

discutir. Na verdade, preciso de um conselho — pediu, sentando-se na bancada do lavatório.

— Que tipo de conselho eu poderia dar no meio do nosso baile de formatura? — questionei confusa. Rebeca era um pouco precipitada e costumava exagerar em alguns aspectos, e eu desconfiava que era o que estava acontecendo.

— Vou passar a noite com o Diogo — desembuchou sem coragem de olhar para mim, uma vez que sabia que eu não gostava muito do garoto que a trouxera ao baile. Diogo era lindo, moreno, alto, olhos esverdeados, tudo o que uma garota poderia desejar em um namorado. Porém, quando abria a boca, fazia qualquer um se esquecer do quanto era bonito, pois só falava besteira, e seu comportamento era o pior da nossa turma. Matava aulas, chegava atrasado nos dias de prova e só conseguira passar de ano porque os professores tinham sido pressionados a dar trabalhos extras para ele. Ninguém queria mais um ano com Diogo na escola, inclusive o diretor.

— Você tem certeza de que ele é o cara certo?

— Não tenho, mas isso não importa agora. Todas as garotas irão para algum lugar depois do baile com seus pares, e não quero ser a única a dizer não.

— Se você me arrastou até aqui para me perguntar isso, é um sinal claro de que ainda não está pronta.

— Não sei o que é estar pronta! — Bufou irritada.

— Você vai saber quando estiver, não precisa da opinião de ninguém para decidir algo tão importante pra você. Pelo menos, não devia. Podemos discutir o assunto como fizemos muitas vezes antes, mas a decisão final é toda sua. E, se não estiver segura, vai se arrepender depois.

— Eu prefiro me arrepender de algo que fiz do que de algo que tive medo de fazer — respondeu tentando demonstrar uma segurança que não existia. Eu conhecia bem minha amiga e tinha certeza de que ela não havia se decidido ainda.

— Você me conhece muito bem e sabe que não costumo julgar as pessoas. Portanto, vou apoiar você não importa o que decidir, mesmo não

concordando. Só você sabe o que é bom ou ruim para si mesma.

— Sabia que diria isso, mas preciso de respostas e não de mais ideias confusas na minha cabeça — reclamou descendo da bancada.

— Não vou me decidir por você.

— O que faria no meu lugar?

— Não estou no seu lugar e nunca sairia com o Diogo.

— Tudo bem. E se não fosse o Diogo e sim o Arthur, o que você faria?

— Eu não sei — respondi indecisa, mordendo o lábio inferior.

— Não pense que ele é diferente do Diogo, pelo menos nesse aspecto. Todos os garotos que vieram ao baile esperam por isso.

— Não o Arthur, ele é diferente, educado, atencioso. Jamais me pressionaria dessa forma.

— Tem certeza?

— Tenho — afirmei decidida, mas no fundo eu

não tinha tanta certeza assim. Rebeca tinha razão sobre os garotos esperarem algo mais depois de acompanhar uma garota a um baile de formatura, e Arthur era um garoto como todos os outros. Embora não tivesse demonstrado que queria prolongar a noite enquanto estávamos no jardim, ele podia apenas estar esperando o momento certo para o convite. *Será que eu recusaria?*, perguntei-me, sem prestar atenção ao que minha amiga estava tentando me dizer.

— Pela sua cara de espanto, não entendeu nada do que eu disse.

— Desculpe, estava distraída — confessei, voltando a prestar atenção a ela.

— Esquece, não era nada importante. Conversamos depois. Agora preciso voltar antes que o Diogo entre aqui para me buscar. Ele já mandou um monte de mensagens perguntando onde eu estava.

— Confio em você e sei que vai tomar a decisão certa — declarei, puxando-a para um abraço daqueles que trocamos somente com as pessoas que

amamos, e a Rebeca era uma dessas pessoas na minha vida.

— Pode deixar, que não vou me perder — disse, beijando minha face e saiu do banheiro sorrindo.

Encostei as mãos na bancada do lavatório, olhei para o espelho e tentei me decidir sobre o que faria se estivesse no lugar dela. Talvez até já estivesse; eu estava depositando uma confiança no Arthur que talvez não existisse. Ele me convidara para o baile depois de muito tempo me observando para tentar me levar para a cama ou porque sentia algo verdadeiro por mim? Impossível saber a resposta naquele momento; na verdade, só o tempo poderia me dar o que eu precisava.

Lavei as mãos, toquei meus lábios inchados por seus beijos, lembrei que alguém me esperava lá fora e saí.

A pista de dança estava lotada. A música alta dominava o ambiente, e eu não conseguia encontrar Arthur em lugar nenhum. Fui até o bar e pedi uma batida, que não veio com álcool dessa vez. Caminhei sozinha segurando minha bebida e

olhando com atenção as pessoas ao meu redor, mas nenhuma delas era meu par.

— Uma garota tão linda assim não devia andar desacompanhada — sussurrou alguém no meu ouvido, surpreendendo-me.

— Não estou sozinha — respondi, tentando me virar para ver quem estava atrás de mim. Entretanto, não consegui; ele me impediu ao segurar minha cintura com força.

— Não estou vendo ninguém aqui com você — murmurou no meu ouvido mais uma vez.

— Meu namorado foi ao banheiro e já está voltando — menti com esperança de que o cara estranho me soltasse.

— Vamos esperar que ele sinta a sua falta e venha te buscar; se não aparecer, você será minha — declarou, surpreendendo-me. Olhei para os lados tentando pedir ajuda, mas era inútil; ninguém parecia perceber que eu estava em apuros.

— Solte minha cintura, não quero suas mãos em mim! — ordenei tentando me soltar dos seus

braços, mas não consegui. Ele conseguira me prender muito bem.

— O que está fazendo com a minha garota? — perguntou Arthur aparecendo de repente à minha frente. Quase chorei de alívio ao ver seu rosto.

— Nada, achei que ela estava sozinha — respondeu, soltando-me e me empurrando na direção do Arthur.

— Não toque na minha garota novamente se ainda precisar das suas mãos — ameaçou com olhar de quem queria correr atrás do cara, que desaparecia no meio das pessoas.

— Espere, não vale a pena — pedi, impedindo-o de fazer aquela besteira.

— Você tem razão, não quero perder nenhum segundo desta noite — disse segurando minha mão e me puxando para a pista de dança.

— Não se cansa de dançar?

— Com você, nunca — respondeu, beijando minha testa e segurando na minha cintura para me puxar para mais perto do seu corpo enquanto a

música *Thousand years* começava a tocar. Encostei minha cabeça no seu peito, e dançamos grudadinhos como se estivéssemos sozinhos no baile.

— Sei que querem continuar festejando, mas essa é a última música da festa. Por isso, aproveitem! — anunciou o DJ no intervalo da música.

— Não quero me despedir de você — disse chateada pelo fim da nossa noite.

— Também não quero. O que acha de ir para outro lugar comigo? — convidou-me, parando de dançar para esperar a minha resposta.

— Que tipo de lugar? — indaguei, lembrando a conversa que tivera com Rebeca no banheiro.

— Tem uma lanchonete aqui perto que serve os melhores lanches. Não sei você, mas estou morrendo de fome — respondeu, tranquilizando-me.

— Eu topo — concordei no momento em que a música terminou e as luzes se apagaram.

Saímos de mãos dadas, junto com os outros formandos.

A lanchonete parecia ser um point da galera e ficava aberta a noite toda. Arthur desceu primeiro do carro e abriu a porta para mim. Nós nos sentamos a uma mesa reservada, num canto, enquanto as outras iam sendo ocupadas pelos outros estudantes que nos acompanharam. Alguém colocou uma moeda no jukebox, e uma música animada começou a tocar.

— Nunca vim aqui antes — falei observando o lugar. A lanchonete era simples e parecia com aquelas lanchonetes antigas dos filmes americanos, os mesmos assentos vermelhos de dois lugares, as banquetas em frente ao balcão, o jukebox.

— Sempre venho aqui, tem os melhores hambúrgueres que já comi na vida! — disse empolgado, segurando minhas mãos em cima da mesa.

— Espero que tenha razão, estou faminta — comentei sorrindo.

Ele tinha razão quanto aos hambúrgueres, eram

deliciosos, mas enormes; para mim, era impossível comer um inteiro. Apesar da fome, ainda deixei metade no prato quando saímos.

— Acho que agora precisamos nos despedir — ele murmurou angustiado, girando a chave para ligar o carro.

— Ainda faltam alguns quilômetros até a minha casa — comentei, tentando amenizar a dor da despedida.

— Vou dirigir tão devagar que as pessoas andando na calçada poderiam nos alcançar — avisou, acelerando o carro para sair do lugar. No entanto, não estava brincando quando disse que iria devagar; eu nunca andara em um carro tão lento assim. A sorte era que era de madrugada e não havia outros veículos para protestarem com Arthur por dirigir feito uma tartaruga.

Todavia, não podemos parar o tempo, e, embora ele dirigisse em baixa velocidade, enfim, estacionou em frente à minha casa. Era hora de nos despedirmos.

— Promete que não vai se esquecer de mim? —

pediu aflito.

— Podemos nos encontrar amanhã? — inquiri em vez de responder sua pergunta.

Ele não respondeu; aproximou-se dos meus lábios, e senti seu perfume amadeirado invadir meu espaço. O beijo aconteceu como tinha de acontecer, lento, delicado, tudo que eu precisava no momento.

— Nos vemos amanhã? — repeti a pergunta ao me afastar da sua boca.

Entretanto, novamente ele não respondeu. Saiu do carro, abriu a porta para mim, segurou minha mão, e caminhamos juntos até a porta da minha casa.

— Nos vemos amanhã?! — questionei mais uma vez, aflita. Algo me dizia que não nos veríamos mais.

— Até amanhã, Bela Adormecida — respondeu sorrindo e soltou a minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



E, como acontece,
a amizade se tornou algo mais.
- Malévola

Sou filho único de pais separados, por isso, desde que comecei a andar, aos nove meses e meio, tentei a todo custo ser independente. Minha mãe, sempre tão ocupada, foi cada vez mais incentivando esse meu lado prático. Assim que entrei na escola, disse que não precisava mais de babá. Passei a me virar sozinho com apenas sete

anos de idade. Na adolescência, já viajava só e não precisava dos meus pais para nada, inclusive sabia administrar meu dinheiro. Ganhei uma herança do meu avô quando fiz 18 anos e apliquei o dinheiro em ações. Não fiquei rico, isso é óbvio. No entanto, conseguia morar na capital sem a ajuda financeira dos meus pais.

Entrei na faculdade de medicina e passei os longos anos do curso com a cara enterrada nos livros. Só saía quando era obrigado pelos meus colegas de curso. Meu objetivo era fazer residência em neurocirurgia, e não podia participar das orgias que eram aquelas festas nas repúblicas e continuar com as minhas notas impecáveis.

No final do curso, consegui a primeira e única vaga de residência num hospital especializado em neurocirurgia. Passei o primeiro ano tentando provar a minha capacidade para meus professores e consegui. Tive tantas recomendações positivas que passei a monitorar meus colegas ainda no segundo ano de residência.

— Você precisa sair um pouco, cara, nunca vi

um jovem tão careta como você — reclamou Harry, um dos médicos do hospital.

— Não sou careta, só tenho foco — respondi impaciente, tirando meu jaleco e o guardando no armário.

— Pare de enrolar e venha conosco. Será apenas uma happy hour — pediu, trancando seu armário.

— Já disse que não posso. Tenho algumas pesquisas para fazer e um relatório pra enviar ainda hoje.

— Você não me engana, aposto duas bebidas que a pesquisa e o relatório já estão prontos.

— Como sabe disso? — indaguei curioso.

— Você nunca deixa nada para última hora, por isso não invente desculpas esfarrapadas e venha logo comigo.

Harry tinha razão, eu estava querendo escapar daquele encontro inusitado depois do trabalho. Como recusara muitos outros antes e estava sem argumentos, falara sobre a pesquisa, que já estava pronta e na mesa do meu orientador.

— Você vem? — indagou mais uma vez, parado na porta do vestiário, me esperando.

— Que alternativa eu tenho? — resmunguei contrariado, caminhando atrás do meu amigo.

Entrei no meu carro e o segui até um barzinho perto do hospital. Estacionamos um ao lado do outro e entramos juntos no lugar. Era uma sexta-feira à noite, e estava lotado. Caminhei tentando me desviar das pessoas e suas bebidas até uma mesa num canto, onde nossos amigos já nos esperavam.

— Quem é vivo sempre aparece! — exclamou um dos residentes que trabalhava comigo.

— Será que já bebi demais e estou vendo coisas? — emendou a outra residente.

— Não perturbem o cara, ainda mais agora, que consegui trazê-lo até aqui — disse Harry batendo nas minhas costas e puxando uma das cadeiras para se sentar à mesa.

— Sei me defender sozinho — resmunguei me sentando ao lado dele.

Meus companheiros de trabalho riram do meu

comentário e ergueram suas cervejas para um brinde.

— Ao nosso novo companheiro de balada — disse Harry, erguendo sua bebida para brindar e empurrando um copo na minha direção assim que o garçom o colocou sobre a mesa.

— Não se animem tanto, não pretendo virar seu companheiro de boteco — respondi erguendo o copo para brindar com eles.

Não posso dizer que me arrependi de sair com meus amigos, mas também não foi o melhor dos passeios. Bebi pouco e fiquei observando enquanto eles se acabavam na bebida. Além disso, Taís, uma das residentes, passou a noite toda se insinuando para mim.

— Você não vai pegar a Taís? — questionou Harry no meu ouvido, observando a garota quase se jogar no meu colo.

— Não saio com ninguém do trabalho, é complicado demais — respondi, bebendo um gole da minha cerveja para disfarçar; na verdade, eu queria correr dali e ir para casa.

— A Taís é linda e está quase implorando pra você levá-la pra sua casa.

— Não quero compromisso com mulher nenhuma, ainda mais a Taís, que trabalha comigo.

— Tudo bem, se você não vai investir, deixa que eu faço — respondeu sorrindo para a garota, que estava nos observando.

— Boa sorte — desejei, levantando-me e me despedindo do meu amigo e dos outros.

Taís ficou me olhando na esperança de receber um convite para me acompanhar, mas eu não podia fazer isso com a garota; não queria compromisso com ninguém, e era tudo o que ela mais queria comigo. Eu já havia percebido seus olhares no corredor do hospital, por isso não podia alimentar suas esperanças. Uma noite com ela poderia fazer com que pensasse que podíamos repetir, e não era isso que acontecia comigo; eu saía apenas uma vez com uma garota e esquecia que ela existia.

Estava tão cansado que cheguei ao meu apartamento e apaguei na cama logo depois de um banho. Acordei com o despertador tocando sem

parar no meu ouvido. Era sábado, mas eu havia prometido fazer uma visita aos pacientes de uma clínica. Minha tarefa seria verificar pacientes internados em coma. Não levaria muito tempo, e à tarde eu já estaria de volta para colocar meus relatórios da semana em ordem.

Pulei da cama, tomei um banho de gato e desci no elevador bebendo uma das vitaminas que eu deixava na geladeira para ocasiões como aquela, quando não tinha tempo para um café da manhã. Entrei no carro e acelerei o máximo que podia sem ultrapassar o limite de velocidade nos pontos com radar.

Estacionei em frente à clínica cinco minutos antes do horário combinado, identifiquei-me na recepção e esperei o médico responsável aparecer para me dar as orientações que eu precisava antes de verificar os pacientes.

— Desculpe a demora, estava assinando alguns relatórios médicos — informou um senhor baixo, calvo e com bigode, que logo me cumprimentou.

— Não se preocupe, sou o doutor Arthur e estou

muito feliz em trabalhar com o senhor.

— Por favor, não me chame de senhor, me sinto mais velho do que realmente sou. Pode me chamar de doutor ou Paulo, o que achar melhor.

— Claro, doutor Paulo — disse, tirando um sorriso do médico.

— Vamos começar a ronda — respondeu se virando para o corredor de onde saíra minutos antes.

Caminhamos juntos e entramos nos quartos um a um. A clínica era pequena e tinha poucos pacientes, todos em coma, alguns havia meses, outros, alguns anos. A maioria dos pacientes respiravam sozinhos e pareciam dormir nas suas camas, mas, como médico, eu sabia que era muito mais do que isso. Inclusive minha função ali era bem específica: eu precisava monitorar as alterações de consciência de cada um deles, que podiam ser leves ou profundas. Tudo dependia da causa do coma, da aérea afetada do cérebro e da intensidade.

A clínica era bem organizada e bem-aparelhada, sinal claro de que os responsáveis pelas pessoas ali

internadas pagavam uma grana absurda para manter seus entes queridos em estado vegetativo.

Anotei todos os detalhes dos pacientes para não esquecer nada e achei que tínhamos terminado, quando entramos num quarto cheio de rosas. O lugar mais parecia um jardim.

— Essa é a nossa última paciente e também a mais jovem. Seu nome é Aurora, mas todos a apelidaram de Bela Adormecida, e você pode perceber facilmente por quê.

— Ela é tão jovem! — exclamei espantado com a beleza da garota. Era mesmo jovem, e seus cabelos loiro-escuro estavam arrumados numa trança de lado. Sua face era serena, como se estivesse num sono profundo.

— Sim, ela é muito jovem. Chegou aqui com apenas 17 anos e nunca mais acordou.

— Há quanto tempo ela está aqui?

— Dois anos.

— É muito tempo para estar num coma profundo — lamentei, observando o quanto a garota parecia

inerte.

— Com certeza é muito tempo, mas a família pode pagar, e vamos cuidar dela até que decida a hora de partir.

— Ou acordar?

— Sabe que é improvável acordar de um coma depois de dois anos e não ter nenhuma sequela.

— Sei disso, por isso acho melhor ela nem acordar — disse saindo do quarto acompanhado do médico.

Voltamos para a sala dele, discutimos sobre meu horário de trabalho e minha responsabilidade com os pacientes. Quase na hora do almoço, despedi-me do médico e voltei para meu apartamento.

Passei o final de semana todo fazendo relatórios e artigos científicos relativos à residência e, na segunda-feira, fui cedo à clínica para verificar os pacientes antes de ir para o hospital. Fiz a ronda como na outra vez, porém, sem a companhia do doutor Paulo. Verifiquei cada paciente, seus reflexos ou qualquer sinal de que estavam

alternando o estado de consciência, mas não percebi nada de diferente neles.

Quando entrei no quarto da minha última paciente, o cheiro de rosas me invadiu. A garota estava do mesmo jeito em que a deixara no sábado, cabelos trançados, uma camisola nude que cobria todo o seu corpo e um lençol branco por cima.

— Olá, Bela Adormecida, como está esta manhã? — questionei me sentando na beirada da sua cama enquanto verificava seus relatórios médicos.

— Nem parece que ela está em coma, não é mesmo? — indagou uma enfermeira morena e baixinha, surpreendendo-me. Dei um pulo da cama quando ouvi sua voz.

— N-não parece mesmo — gaguejei.

— Olá, eu sou a Sara, enfermeira da Aurora.

— É um prazer te conhecer. Eu sou o Arthur — disse segurando sua mão para cumprimentá-la.

— Sei que é o médico residente. Seja bem-vindo.

— Obrigado — agradeci, colocando a prancheta

da paciente no suporte da cama.

— Ela está conosco há dois anos e nunca teve qualquer reação. No começo, a mãe vinha visitá-la todos os dias, mas saía daqui aos prantos. Ficou doente e teve que parar as visitas frequentes. Vem uma vez por semana quando está se sentindo bem.

— Por que as rosas?

— Todos os dias chega um buquê. A mãe diz que são as flores preferidas de Aurora e faz questão de enviar um ramalhete cada vez que não pode visitar a filha.

— Ela nem percebe... Por que tanto trabalho?

— As rosas não são para a filha ver e sim para acalmar o coração de uma mãe.

— Que seja, não devia enviar tantas flores, esse lugar parece uma floricultura em vez de um quarto hospitalar.

— Não seja tão severo, foi a única maneira que ela encontrou para cuidar da filha.

— Não me importo, estou aqui apenas para cuidar dos pacientes.

— Como eu disse antes, seja bem-vindo. Agora, se me der licença, está na hora do banho da paciente.

— Tudo bem, já estava de saída — disse, deixando o quarto.

Organizei meus relatórios para que o doutor Paulo compreendesse o que eu tinha feito com os pacientes e deixei a clínica. Segui para meu segundo turno no hospital. Assisti a uma cirurgia que não tinha sido programada, mas levou o dia inteiro, fiz anotações no meu bloco de notas enquanto observava o neurocirurgião fazer seu minucioso trabalho.

Cheguei ao meu apartamento bem tarde. Estava tão cansado que não consegui comer, a cama era bem mais interessante, por isso me deitei por alguns minutos apenas, mas só acordei na manhã seguinte com o barulho do despertador.

Durante a semana, minha rotina era a mesma, ainda mais depois que precisei passar todas as manhãs na clínica. Era um trabalho chato e cansativo, pois meus pacientes estavam sempre do

mesmo jeito e nada parecia mudar. Para alguém tão acostumado à agitação de um pronto-socorro, como eu, aquilo era uma verdadeira tortura. A única coisa que ainda me prendia àquele emprego era a Bela Adormecida. Eu não conseguia entender por que seu estado vegetativo me despertava tanto interesse a ponto de fazer pesquisas e mais pesquisas sobre o tema. No final do meu primeiro mês, eu já tinha decorado seu relatório médico.

— Você é uma caixinha de surpresas, garota — afirmei enquanto realizava alguns exames para verificar seu estado geral de saúde.

Com o passar dos dias, comecei a conversar com a garota que dormia. Contei-lhe como era a minha rotina, a indiferença dos meus pais, como eu amava a medicina e, por fim, sobre a garota por quem eu tinha sido apaixonado na escola. Não sabia por que me abria com uma completa estranha. A verdade é que eu precisava contar meus receios a alguém, e saber que jamais seria julgado por ela me deixou à vontade para narrar tudo sem qualquer ressalva. Aos poucos, a Bela Adormecida passou a ser a minha fiel ouvinte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



A princesa poderá acordar de seu sono profundo somente por um beijo de amor verdadeiro.
- Malévola

Não queria me apegar tanto a uma garota que dormiria para sempre, mas me apeguei. Passei a deixá-la sempre por último nas minhas rondas e ficava quase uma hora no seu quarto, conversando com ela. No fundo, eu sabia que estava falando sozinho.

O tempo passava, e cada vez mais eu necessitava

da sua presença. Não fazia sentido aquela dependência, uma vez que a garota só dormia. Sabia que não podia continuar conversando com ela, nem ter esperanças; apesar dos estímulos que sempre fazia quando a visitava, não havia qualquer sinal de que ela um dia acordaria e de que, se acordasse, saberia que eu existia. Talvez ficasse para sempre naquela cama. Eu já tinha problemas demais para me importar com uma pessoa que nem me conhecia, mas com a qual me importava... como me importava! Por mais que eu tentasse, não conseguia tirar aquela jovem da minha cabeça. Por isso, depois de dois meses trabalhando na clínica, passei a evitá-la e fingir que “nossas” conversas nunca haviam existido. Mudei minha ronda, passando no seu quarto primeiro todas as manhãs, bem como não falava mais com ela sobre minha vida, mas não resistia e dizia a frase que falava todas as manhãs:

— Até amanhã, Bela Adormecida.



— Desculpe não poder vir todos os dias, nem

sempre estou lúcida como hoje. Você faz muita falta, minha filha querida — disse uma senhora sentada ao lado da cama de Aurora assim que entrei para examiná-la naquela manhã.

— Não sabia que ela tinha visitas; posso vir depois, se quiser — falei com receio de interromper aquele momento entre mãe e filha.

— Pode ficar, não faz nenhuma diferença mesmo. Ela nem percebe que estou aqui, não é mesmo, doutor? — questionou a senhora aflita, bem magra, com aparência cansada, olhos fundos e cabelos loiros opacos na altura dos ombros.

— Ela está num estágio de coma profundo, nada pode fazê-la acordar — expliquei o que a mulher provavelmente já sabia, mas fiquei triste por falar em voz alta o que minha mente tentava me dizer todos os dias.

— Não sei por quanto tempo ainda vou conseguir vir aqui — murmurou a senhora segurando a mão da filha.

— Venha sempre que puder; ela precisa do carinho da mãe — pedi, tentando me convencer

disso também.

— Eu também preciso do carinho da minha filha, mas não tenho nada. Meu marido desistiu logo no primeiro ano. Nos separamos, e ele foi seguir a sua vida, não aparece aqui. Seu único sinal de que se importa são os cheques que envia todos os meses para pagar a clínica.

— É complicado para a família esperar tanto tempo sem nenhuma resposta — murmurei passando as mãos no cabelo, nervoso.

— Se eu soubesse que ela acordaria, se tivesse certeza, esperaria minha vida toda só para ver esses olhos castanhos olhando pra mim com carinho. Minha filha era a jovem mais linda e inteligente que conheci, determinada, nunca desistia de nada. Se dependesse dela, estaria lutando para se levantar dessa cama. Quando eu soube do acidente, desmaiei e acordei algumas horas depois. Ela estava viva, era só isso que eu conseguia pensar. Passou por uma cirurgia delicada no cérebro e nunca mais acordou. Muitos médicos especialistas a examinaram, mas ninguém conseguiu nos dar

respostas. Foi aí que decidimos tirá-la do hospital e trazê-la para esta clínica, onde é a sua casa nos últimos dois anos.

— Sinto muito por tudo. Sei que deve ser difícil para a família.

— Você não sabe o quanto, garoto. Acho melhor eu ir agora, não estou me sentindo bem — murmurou, apoiando uma das mãos nas minhas costas quando passou por mim.

— Precisa de ajuda? — perguntei me virando para observá-la sair do quarto.

— Não, posso me virar sozinha, já estou acostumada — respondeu com lágrimas nos olhos e fechando a porta logo em seguida.

— Vamos lá, Bela Adormecida, fazer seus exames de rotina — murmurei tirando o lençol branco para fazer os testes de sensibilidade. Não demorei para constatar que estava tudo do mesmo jeito e teria saído sem perceber qualquer alteração se não visse uma lágrima solitária descendo pelo seu rosto lindo.

— Aurora, você está me ouvindo? — implorei, mas ela não fez qualquer sinal. Refiz os exames, e estava tudo do mesmo jeito. Talvez eu estivesse delirando e não existisse lágrima nenhuma, ou fora um espasmo involuntário do seu corpo. Como médico, eu sabia que essa era a explicação mais sensata.

— Até amanhã, Bela Adormecida — despedi-me ao deixar o quarto.

E assim os dias foram passando devagar, como se o tempo estivesse suspenso enquanto eu esperava algo acontecer. Fiz minha primeira cirurgia com a supervisão do meu orientador e estava radiante com o resultado. Harry começou a namorar a Taís, e fiquei aliviado por não precisar mais correr dela nas raras ocasiões em que eu aparecia para a happy hour com meus colegas de trabalho.

Tive dois encontros nessa época com garotas diferentes – sem que trocássemos número de telefone –, mergulhei no trabalho para esquecer a merda de vida que eu tinha. Porém, de pouco

adiantou, porque eu continuava sozinho e afastando as pessoas de mim.

Em certo dia, eu estava tão desesperado que entrei no carro e fui à clínica num domingo à tarde. Não aguentava mais ficar sozinho e precisava ver Aurora nem que fosse por alguns minutos apenas.

— Você tinha razão sobre o Diogo. Ainda bem que não saí com ele como eu queria — disse uma garota morena de cabelos compridos sentada ao lado da cama da minha paciente.

— Desculpe, não queria interromper — falei ao perceber a jovem me observando entrar no quarto sem bater.

— Não está interrompendo. Sou Rebeca, a melhor amiga de Aurora. E você, quem é?

— Sou o doutor Arthur — respondi, segurando sua mão para cumprimentá-la.

— Você é o médico que está cuidando da Aurora?

— Sim. Na verdade, sou residente, mas venho aqui todos os dias para examiná-la.

— Até nos domingos?

— Não. Estava passando por aqui e decidi verificar como ela estava.

— Fico feliz em saber disso. Ela gostaria de você.

— Como sabe disso?

— Não sei, é só um palpite.

— Já que ela tem companhia, vou indo; não quero atrapalhar — comentei, virando-me para sair do quarto.

— Espere um pouco, tem um café aqui perto. Será que podemos conversar sobre Aurora? Se você não tiver nenhum compromisso, é claro — pediu a garota.

Em outras ocasiões, eu teria recusado, mas não tinha nada para fazer mesmo, estava entediado e gostaria de saber um pouco mais sobre minha Bela Adormecida.

— Vou aceitar o seu convite — respondi, esperando enquanto ela pegava sua bolsa e deixava um beijo na testa da Aurora ao sair do quarto.

— Você gosta de carros velozes? — questionou quando acionei o alarme para destrancar meu carro esportivo, que estava estacionado em frente à clínica.

— Um pouco — respondi, abrindo a porta para ela entrar.

Rebeca tinha razão sobre o café ser perto, a apenas algumas quadras da clínica. Nem tive tempo de mostrar a potência do meu automóvel.

— Venho sempre aqui depois de visitar Aurora. Sempre saio tão abalada de lá que não consigo voltar pra casa, por isso paro aqui para me recuperar — comentou distraída conforme se sentava a uma das mesas vazias na pequena cafeteria.

— Você a conhece faz tempo? — perguntei me sentando de frente para ela.

O garçom apareceu com o cardápio, mas ela recusou e pediu apenas dois cafés.

— Sim, minha vida toda — resmungou pensativa, sem tirar os olhos da janela.

— O que aconteceu com ela?

— O acidente? — inquiriu, saindo do seu devaneio.

— Sim — respondi, bebendo um gole do café, que tinha acabado de chegar.

— Foi na noite da nossa formatura. O imbecil que a levava decidiu apostar corrida com outro estúpido que o desafiou no semáforo. Ele atravessou um sinal vermelho, e uma caminhonete acertou o carro bem na porta do passageiro. Minha amiga recebeu todo o impacto e teve traumatismo craniano. O cara que dirigia o carro sofreu apenas alguns arranhões, enquanto Aurora está em coma até hoje.

— Sinto muito. Não queria reacender um sentimento tão doloroso.

— Não fez isso. Estou bem na medida do possível, segui com a minha vida. Estou no segundo ano de publicidade e moro numa república. Vou todos os domingos à clínica para visitá-la e às vezes passo no apartamento da mãe dela. Nós duas deixamos o interior para morar na

capital e poder ver Aurora sempre que quisermos.

— Conheci a mãe dela outro dia.

— A dona Leonor é um exemplo de superação, nunca desistiu da filha. O oposto do marido, que caiu fora logo nos primeiros meses. O senhor Fernandes abandonou a filha. Lamentável!

— É difícil para a família acompanhar um ente querido por tanto tempo em coma.

— Talvez seja, mas estamos aqui, enquanto ele pulou fora — murmurou chateada.

— Tem razão.

— Chega de falar da Aurora, vamos falar sobre você. O que um médico bonitão como você estava fazendo visitando uma paciente no domingo à tarde?

— Não sei — respondi passando as mãos no cabelo, nervoso.

— A verdade — pediu fitando meus olhos.

— Eu fui até lá pela Aurora. Não consigo parar de pensar nela. Sei que é besteira e acho que vou

acabar percebendo mais cedo ou mais tarde. A verdade é que estou encantado por ela.

— Essa é a Aurora que conheço, seduzindo os rapazes mesmo dormindo — disse abrindo um sorriso.

— Não acha que sou idiota?

— Claro que não, Aurora tem esse poder de encantar as pessoas só com a sua presença. Ela nem mesmo percebia isso. Vivia com a cara nos livros, estudando e não sabia que os garotos da escola estavam arrastando um caminhão por ela. Acha que ela pode acordar algum dia?

— Não. Como médico, sei que é quase impossível.

— Quase significa que temos uma esperança?

— Bem remota, mas existe, sim.

— Ainda bem, odiaria perder minha amiga para o sono pra sempre. Talvez agora, que ela tem o que sempre quis, resolva acordar — comentou, levantando-se e me deixando sozinho na mesa, sem entender o que quis dizer.

Mais uma semana se passou, e o quadro de Aurora era o mesmo. A enfermeira Sara, que cuidava dela, relatou na sua ficha médica que a jovem mexera o braço uma vez, a perna em outro dia e abrira os olhos de repente. Contudo, eu sabia que eram espasmos involuntários do seu corpo e não dei nenhum crédito a isso.

Fui escolhido pelo meu orientador para participar de um curso de uma semana nos Estados Unidos, por isso, naquela manhã em especial, fiquei mais tempo no quarto da Aurora. Olhei pela janela, buscando uma resposta que nunca viria e, depois de me despedir dela, dei um selinho nos seus lábios. Sabia que não deveria ter feito isso, afinal, para todos os efeitos, eu ainda era seu médico. Todavia, não pretendia continuar a vê-la; estava decidido a abandonar meu trabalho na clínica quando voltasse do curso. Não conseguia mais viver assim, admirando alguém que jamais acordaria. Estava na hora de eu seguir em frente.

— Até amanhã, Bela Adormecida — despedi-me com a frase de sempre, porém, daquela vez não teria amanhã.

O curso era tudo que eu precisava para mergulhar no trabalho e esquecer tudo ao meu redor, inclusive a Aurora. Todavia, quando retornei ao Brasil, tive de voltar à clínica e entregar meu cargo.

Estava tão nervoso que quase arranquei meus cabelos enquanto aguardava o doutor Paulo me receber na sua sala.

— Desculpe a demora — pediu se levantando da cadeira para me cumprimentar.

— Não se preocupe, nem esperei muito — menti, pois estava quase ficando louco lá fora.

— Devido aos acontecimentos recentes, estou um pouco ocupado, mas podemos conversar agora — disse voltando a se sentar na sua cadeira.

— O que aconteceu? — perguntei curioso. Algo me dizia que eu não iria gostar da sua resposta.

— Ainda não sabe?

— Não, o que aconteceu?

— A jovem que estava em coma acordou.

— Aurora acordou? — questionei me sentando na cadeira para não cair no chão. Logo quando eu tinha desistido dela, a Bela Adormecida despertava?

— Sim, ela acordou há uma semana. Não apresentou nenhuma sequela até agora. Conversa perfeitamente e está fazendo fisioterapia para fortalecer os músculos, mas já consegue andar com a ajuda da enfermeira. Isso não é surpreendente?

— Claro! Será que posso vê-la? — pedi, levantando-me apressado.

— Sim, pode, ela chamou por você algumas vezes. A enfermeira relatou que a primeira palavra que ela disse foi o seu nome. Estranho, não é mesmo? Talvez tenha ouvido alguém falar sobre você.

— Talvez seja isso — murmurei já saindo da sua sala.

Corri pelos corredores da clínica até seu quarto, abri a porta o mais rápido que consegui e entrei, esperando ver um monte de gente, mas Aurora estava sozinha, dormindo na cama. Os vasos de

rosas tinham diminuído, ela usava uma camisola diferente, seus cabelos estavam soltos. No entanto, estava do mesmo jeito que eu a deixara antes. *O doutor Paulo estava brincando comigo quando disse que ela acordou?*, pensei aflito, sentando-me com cuidado na beirada da cama.

Estava quase desistindo e indo embora quando ela se mexeu e abriu os olhos castanhos mais lindos que eu já tinha visto. Fiquei paralisado, sem saber o que fazer.

— Ar-Arthur... é você... mesmo? — indagou devagar, mas consegui entender cada palavra. Em seguida ela levantou a mão e acariciou minha barba. — Está... bem maior do que me lembrava — comentou, surpreendendo-me.

— O que disse?

— Sua barba está maior... — repetiu confusa.

— Eu deixei crescer, mas como sabe da minha barba? Não nos conhecemos, nunca te vi acordada antes.

— Claro que nos conhecemos... Você me levou

ao baile de formatura — explicou, sentando-se lentamente na cama.

— Não, você está enganada. Nem temos a mesma idade — informei, tentando fazê-la entender que era impossível o que estava contando.

— Não estou enganada. Observamos as estrelas juntos, dançamos na grama, eu beijei você, e saímos para comer um lanche depois que dançamos a última música do baile.

— Você se lembra das músicas?

— Sim, como eu poderia me esquecer? Dançamos *Perfect*, depois *Havana*, *Areia*, e a última foi *Thousand years*. Aquela foi a noite mais perfeita que já tive. Por favor, não diga que não aconteceu! — implorou com lágrimas nos olhos, e fiquei paralisado, sem saber o que fazer.

— Não fique nervosa, se acalme, por favor — pedi, limpando suas lágrimas com os dedos e apoiando sua cabeça no meu peito.

Ela tinha razão quando disse que a noite havia sido perfeita, mas se esquecera de que tinha sido eu

que lhe contara a noite perfeita que tive com a menina por quem era apaixonado no ensino médio. Cada detalhe do que Aurora falara realmente aconteceu, mas não com ela e sim com Júlia, a doce menina a quem eu prometi meu coração naquela noite. Porém, não consegui cumprir minha promessa, porque ela morreu no dia seguinte, enquanto dormia, por causa de um aneurisma cerebral. Eu nunca tive chance de me despedir ou continuar aquela noite incrível que passei ao seu lado.

Ao ouvir o relato de Aurora, eu percebi que, enquanto estava dormindo, ela escutara tudo o que eu dissera e criara sua própria versão dos fatos. Exceto pelas músicas, que não eram as mesmas que eu e Júlia dançamos, o restante da história se encaixava como uma luva. Descobri, então, que algumas coisas que aconteciam com ela enquanto dormia estavam na sua narrativa, inclusive as músicas, que eram as mesmas que eu tocava para ela no meu celular todas as vezes em que terminava a minha ronda. E revelei tudo isso a ela.

— Você está tentando me dizer que tudo não

passou de um sonho? Nunca estivemos num baile de formatura antes? — indagou preocupada.

— A mente pode nos pregar peças, ainda mais num caso delicado como o seu — respondi tentando acalmá-la.

— Não entendo, estou acordada há uma semana. Fora datas e coisas que aconteceram enquanto eu estava dormindo, consigo me lembrar de tudo que aconteceu comigo antes do acidente, e a noite do baile é uma delas.

— Você nem chegou a ir ao baile.

— Sei disso, minha mãe e Rebeca me contaram, mas esperava que você me dissesse o contrário, pois a noite do baile era tudo que eu via enquanto dormia.

— Você me via nos seus sonhos?

— Sim, eu estive sonhando com você durante todo o tempo em que fiquei dormindo.

— E como eu era?

— Você tinha os mesmos cabelos loiros na altura dos ombros, uma barba rala, era mais magro do que

agora e tinha os olhos mais verdes que já vi na vida — descreveu-me exatamente como na época do meu baile de formatura.

— Desculpe, mas não sei como sabe de tudo isso.

— Minha esperança era que você pudesse preencher essas lacunas.

— Não posso, estou tão surpreso quanto você — lamentei, passando o polegar na sua face novamente a fim de secar seus olhos.

— Por que sinto que meu coração vai sair pela boca só por estar ao seu lado?

— Eu não posso explicar, já que sinto o mesmo. Aos poucos vamos descobrir o que é essa linha que nos une — disse, beijando a sua testa e a fazendo se deitar novamente.

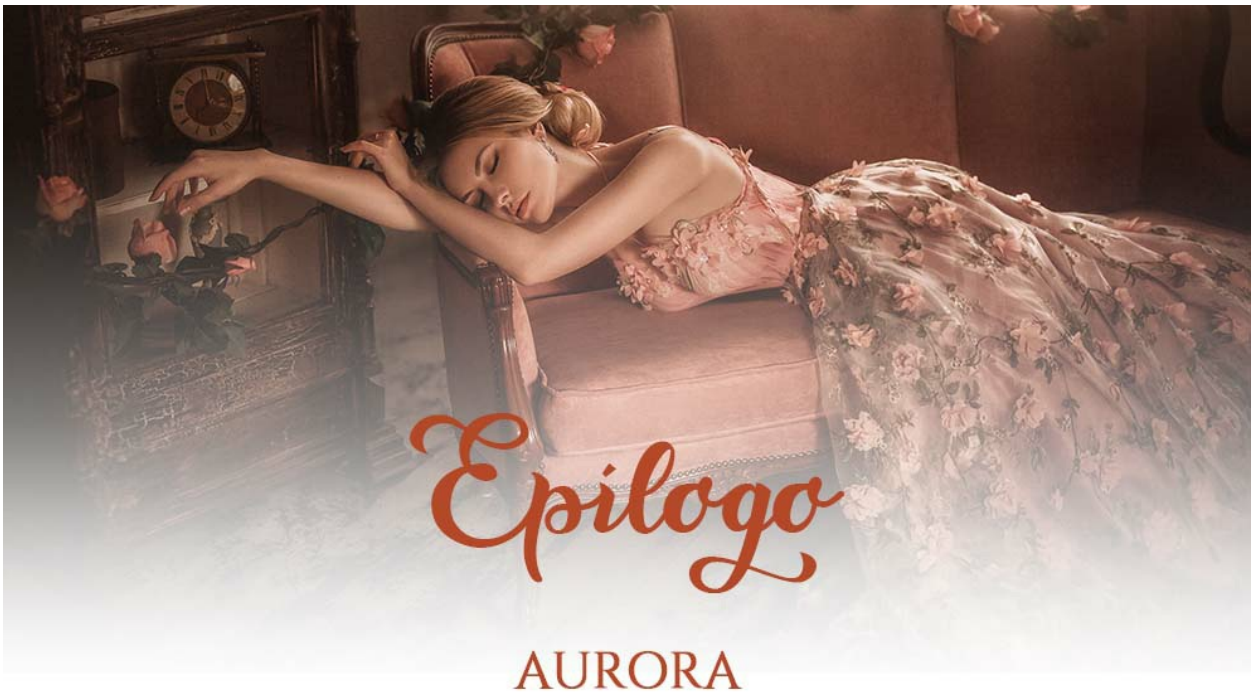
— Obrigada por cuidar de mim — agradeceu segurando minha mão e me impedindo de levantar da cama.

— Não precisa agradecer, foi um prazer. Até amanhã, Bela Adormecida — disse, indo em

direção à porta.

— Se está dizendo que foi um sonho, como me lembro dessa frase? Como reconheço a sua voz, a sua aparência, se nunca o vi antes? — perguntou, surpreendendo-me minutos antes de fechar a porta do seu quarto.

— Eu não sei. Talvez seu subconsciente tenha captado tudo, minha voz, minha aparência, inclusive nos momentos em que abria os olhos por reflexo. Descanse um pouco. Vou rever seus exames, e amanhã conversamos — pedi, sem saber mais o que dizer. Todavia, não cumpri o prometido e, em vez de ficar ao seu lado e descobrir o que sentíamos um pelo outro, fugi como um covarde. Tinha medo de estar apaixonado novamente e não conseguir lidar com aquele sentimento sozinho.



Alguns meses depois.

Minha mãe chama de milagre, e eu não sei bem o que dizer, mas acordei depois de dois anos e alguns meses de um coma profundo, sem qualquer sequela, pelo menos fisicamente. Os médicos ficaram surpresos com a minha recuperação repentina; a maioria já me dava como morta.

Não tive qualquer contato com Arthur depois do dia em que o vi no hospital pela primeira vez. Ele desapareceu da minha vida e foi fazer um curso nos

Estados Unidos. Fiquei furiosa por não conseguir tirar dele as respostas que eu precisava.

Contrariando todas as expectativas médicas, retomei minha vida exatamente de onde parei. Comecei a faculdade, inclusive. Lembrava-me de todos os detalhes do meu passado, das matérias que estudara na escola, de tudo. Porém, uma coisa ainda era nebulosa na minha mente: a noite do baile. Rebeca me garantiu que nunca tivéramos aquela conversa, mas disse que me contara sobre o Diogo quando eu estava em coma. Provavelmente eu fantasiara tudo na minha cabeça e nada daquilo acontecera de fato. O problema era a saudade que eu sentia de Arthur. Meu coração ficava apertado todas as vezes em que eu me lembrava dele. Isso era bem real, e eu não podia ignorar.

Foi para aplacar a dor em meu coração que consegui o endereço de Arthur. Segundo o doutor Paulo, depois de meses fora do Brasil, ele decidira voltar.

Naquele dia em questão, eu estava parada em frente ao seu prédio em pleno domingo de manhã,

tentando reunir coragem para bater à sua porta.

— Desculpe incomodar. Sei que não quer me ver, mas eu preciso de um encerramento — murmurei minha fala decorada enquanto subia no elevador até o seu andar. Ainda bem que o porteiro não estava e eu não precisara me identificar; ajudara uma senhora com as sacolas e entrara sorrateiramente no seu prédio.

— Por favor, que ele esteja em casa — pedi a Deus, parada à porta do apartamento de Arthur. Respirei fundo, buscando coragem e toquei a campainha uma vez; nada. Toquei novamente, e ainda assim ele não apareceu. Toquei uma última vez e estava indo embora quando a porta se abriu, e lá estava ele, do jeito que eu lembrava. Como minha mente podia inventar um homem tão perfeito como ele? Os cabelos loiros, na altura dos ombros, os braços fortes, o abdômen definido, as pernas fortes e longas sob a calça de moletom, os olhos verdes, que não paravam de me encarar, e a barba bem rente ao rosto.

— Aurora? — perguntou esfregando os olhos

como se não acreditasse que eu estava parada à sua frente.

— Desculpe, não quero perturbar você, nem ser perseguidora ou qualquer coisa do tipo, mas não consegui ficar longe. Entendo que pense que inventei toda a história do baile. Acho que pode estar certo, mas, sendo sonho ou um delírio da minha mente, não consigo esquecer você. Sinto sua falta, sinto seu cheiro quando estou dormindo e choro todas as vezes em que ouço a música *Perfect*, de Ed Sheeran, tocar. Estou desesperada, não sei mais o que fazer. Por favor, faça essa dor passar — implorei com lágrimas nos olhos.

Arthur ficou parado, olhando-me por alguns segundos que mais pareceram horas. Eu estava quase desistindo de ouvir uma resposta e indo embora.

— Você quer entrar? — ofereceu, abrindo a porta do seu apartamento para mim.

Passei por ele e me sentei com a cabeça baixa no sofá que ele me oferecia. Queria abrir um buraco e desaparecer.

— Eu não sei como fazer isso, não sei como explicar o que você está sentindo — explicou, erguendo meu queixo para que eu visse seus olhos, que estavam com um brilho diferente.

— Não precisa explicar. Eu só quero saber se você sente o mesmo — retruquei reunindo toda a coragem que ainda tinha.

— Quer saber se não paro de pensar em você desde que saí daquela clínica? Ou se não paro de imaginar o sabor que têm os seus lábios? O que você está fazendo? Será que pensa em mim como penso em você? — questionou segurando na minha cintura e me puxando para perto do seu corpo.

Senti o mesmo perfume amadeirado e refrescante e, quando nossos lábios se tocaram, tive a certeza de que já o beijara antes; se fora naquela vida ou em outra, ou mesmo num sonho, isso não importava mais.

Fim

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Dessa vez, pretendo ser breve para não tornar os agradecimentos repetitivos. Escrever é sempre uma surpresa para mim, e acho que me superei neste conto. Achava que não podia mudar muita coisa numa história tão contada tantas vezes antes de mim. Porém, gostei do resultado. Deixei alguns detalhes por conta do leitor, alguns que vão além da nossa imaginação, e, se me perguntassem no que acredito neste momento, parafraseando Shakespeare, diria que entre o céu e a terra existem coisas que são inexplicáveis.

Um “obrigada” especial a minhas alunas queridas, que estão lendo e escrevendo os comentários que irão na contracapa do livro físico. A Laizy, pelo carinho e dedicação que tem com esta série e todos meus outros livros. A Ana, que revisa minhas histórias e ainda separa um tempo da sua vida corrida para conversar comigo ao telefone.

A Deus, por me proporcionar a dádiva de escrever cada dia com mais paixão. A minha família, por entender minhas ausências e apoiar meu trabalho, e a vocês, meus leitores queridos, que receberam esta e as outras releituras de braços abertos! Espero contar sempre com o apoio de vocês.

Com Carinho,

Cleia Lira





CLEIA LIRA nasceu numa pequena cidade

do interior de São Paulo chamada Arco-íris, porém, adotou Sumaré como sua cidade. Nela se casou e teve duas filhas. É professora e nas horas vagas lê. Na verdade, segundo seu marido, ela devora os livros. Esse é o seu vício, quando começa, não consegue parar mais. E foi assim que se tornou escritora, leu tanto que, um dia, procurou uma história diferente para ler e, como não achou, resolveu escrever. Alguns meses depois surgiu seu primeiro livro, *Sob sua proteção*.

PERIGOSAS NACIONAIS





Sob Sua Proteção

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

PERIGOSAS ACHERON

COMPRE AQUI

Book trailer

SINOPSE

A jovem Mila tinha um sonho: ser bailarina! Mas para uma moradora do Morro do Alemão isso era quase impossível. Porém no seu aniversário de 18 anos ela conseguiu o que parecia o presente perfeito, mas transformou-se no seu pior pesadelo. Sua vida que já não era fácil ficou insuportável e quando se vê perdida, o jovem investigador da polícia federal, Nick entra em ação para protegê-la e o que era apenas uma missão, tornou-se sua razão de viver e agora ele será capaz de dar sua vida por ela.



Apenas uma vez

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, 1

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO
COMPRE AQUI

SINOPSE

Helena nunca cometeu um erro, nem se arriscou. Mas agora ela resolveu mudar e pelo menos uma

vez, vai jogar tudo para o alto. Uma viagem de formatura que prometia ser épica. Ela o conheceu na sua última noite em Vegas. O que era apenas uma noite se transformou em algo mais e ela acordou casada. Porém, nem imaginava que por trás daqueles lindos olhos azuis, estava o vocalista da banda de Rock mais famosa da atualidade. Ela pensou que nunca mais iria vê-lo novamente, mas o destino fez questão de mostrar o quanto ela estava errada.



Perdido

SÉRIE *OS GAROTOS DE JERSEY*, 2

DISPONÍVEL EM E-BOOK

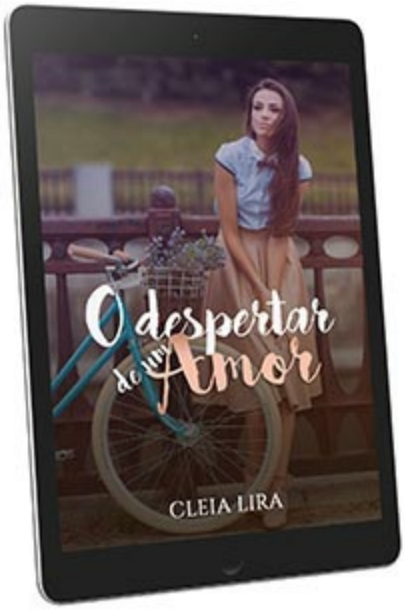
Amazon

SINOPSE

O guitarrista da banda The Dangers acabou de encerrar mais uma turnê mundial, e, depois de dois anos convivendo com os loucos integrantes da banda, tudo o que ele quer é ficar sozinho. Até ai, tudo bem, exceto por um detalhe: durante os meses

seguintes, ninguém sabe do seu paradeiro, pois se encontra longe dos holofotes da fama e num lugar onde suas fãs jamais iriam procurá-lo. Perdido e sem rumo, Jonas terá que enfrentar um grande obstáculo para continuar tocando.

Um romance em que o simples ato de respirar pode mudar uma história.



O despertar de um amor

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

O Despertar de um Amor, conta a história de uma jovem tão doce e delicada que se transformou numa guerreira no pior momento da sua vida. Existe um velho ditado popular que diz: “só sabemos a verdadeira força de uma pessoa, quando ela precisa enfrentar uma adversidade.” É

exatamente nesse momento que vamos conhecer a Carol, estudante de Letras. Em 1971 ela encontrou seu primeiro amor, mas junto com ele vieram os conflitos, as lutas dos brasileiros, em especial as mulheres pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir quando almejasse, durante a ditadura militar no Brasil. Esse conto é apenas um recorte desse momento tão importante da nossa história, mas sem dúvidas, vale a pena ler, suspirar, sorrir e chorar ao passar por cada página.



Despedaçados

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Esse conto é a história de um recomeço, são duas pessoas fugindo dos seus problemas e daqueles que a machucaram para morar numa ilha, onde o vizinho mais próximo fica a milhas de distância. Como juntar os pedaços? Quando sua vida foi destruída não uma, mas duas vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eles têm em comum, além de sofrer uma perda? O Farol da ilha onde moram, foi desativado há muito tempo e deixou de ser o porto seguro dos navios que se perdiam no mar, para ser o local onde duas pessoas machucadas se encontram para recomeçar.

PERIGOSAS ACHERON



Entre amor & laço

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Quando estava prestes a entrar na faculdade, Laís teve uma grande mudança na sua vida. A garota da cidade agora morava na fazenda. A sua rotina e amizades mudaram, mesmo sem a sua permissão. Essa temporada na casa da sua tia promete muitas surpresas e aventuras, uma delas é um certo peão

de rodeio que deixa todas as garotas apaixonadas por ele, mas que, por um capricho do destino, é um dos seus primos. Enquanto um é proibido, o outro só quer saber de conquistá-la. Dividida entre dois amores, nossa protagonista embarca num romance que promete ser o mais intenso que já viveu.



Escolhi você

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Mel tem uma carreira promissora e brilhante. Porém, sua vida amorosa é um verdadeiro desastre: sua mãe acredita que a filha tem um radar para atrair cafajestes; seus relacionamentos não passam de alguns meses. Diante dessa situação, ela perdeu a esperança de encontrar o seu príncipe encantado.

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, ela quer ser mãe e, pressionada pela família, resolve usar um aplicativo de relacionamentos para encontrar o homem que vai ajudar a realizar seu grande sonho. Contudo, como nada na vida dessa garota é fácil, essa busca promete ser sua maior aventura.

PERIGOSAS ACHERON



Um conto quase de fadas

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Um encontro inusitado, duas pessoas que nunca poderiam ficar juntas, um baile de máscaras, o beijo inesquecível, a noite mais quente que eles já experimentaram.

E agora? O que fazer com a avalanche de sentimentos que apareceu no dia seguinte...?

PERIGOSAS NACIONAIS

Um conto de fadas moderno e ousado que vai te deixar ansioso para chegar à última página.

PERIGOSAS ACHERON



O encanto de Bela

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Um jovem estudante de medicina que tem tudo, porém, não sabe valorizar nada.

Uma garota pobre que batalha para se sustentar sozinha.

Juntos, eles vivem um romance tão conhecido

por tantos leitores, mas, dessa vez, sem magia, embora Bela ainda seja a protagonista da história, com seu encanto todo especial e seu prazer pela leitura, que vai mostrar à Fera que ele pode conquistar tudo o que perdeu e ainda descobrir o verdadeiro amor.

Um conto de fadas tão real que imerge o leitor em suas páginas.



O veneno da maçã

DISPONÍVEL EM E-BOOK
Amazon

SINOPSE

Você já sentiu que sua vida estava prestes a mudar? Como se tudo estivesse suspenso, aguardando um começo desconhecido?

É exatamente assim que Branca se sente ao esperar o começo das aulas na faculdade e as mudanças que viver sozinha irão proporcionar. A

garota sonhadora da fazenda vai deixar a proteção dos seus sete irmãos para embarcar numa aventura.

Entretanto, antes disso tudo acontecer, ela se apaixona por William, hóspede na fazenda, bem mais velho do que ela. O agrônomo chegou para cuidar das pragas nas macieiras, mas vai fazer muito mais do que isso num verão inesquecível.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram | Wattpad | Site

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON